

A LITERATURA BRASILEIRA E O CUIDADO DE SI NA ADOLESCÊNCIA

BRAZILIAN LITERATURE AND SELF-CARE IN ADOLESCENCE

Solange Aparecida de Souza Monteiro 1

Resumo: O objetivo foi compreender o autocuidado na adolescência, apresentado pelo livro “Ralé Brasileira: quem é e como vive” de Jessé Souza. Da mesma forma que procurou-se dissertar sobre a vida cotidiana e o drama vivido pelo seio familiar da tipologia social considerada pela obra como ralé brasileira, uma classe presente no pensamento social brasileiro que considera tal classe social como uma “não classe”, ou seja, indivíduos declarados como carentes ou perigosos. Buscou-se realizar um aprofundamento no capítulo 8 “A miséria do amor dos pobres”. Identificou-se as adolescentes Jane e Dina diante de suas histórias de vida, buscando desvelar as vivências familiares, o uso do corpo, a sexualidade, o amor erótico e os encontros e desencontros da adolescente da “ralé”. Essa temática nos motivou buscar um diálogo com as contribuições foucaultianas no que se refere o cuidado de si, estariam Jane e Dina exercendo o cuidado de si?

Palavras-chave: Adolescência. Estudo de Caso. Cuidado de Si.

Abstract: Our objective was to understand self-care in adolescence, presented by the book “Ralé Brasileira: quem é e como vive” by Jessé Souza. In the same way that we tried to talk about everyday life and the drama lived by the family of the social typology considered by the work as Brazilian rabble, a class present in Brazilian social thought that considers such a social class as a “non-class”, that is, individuals declared to be needy or dangerous. An in-depth study was carried out in chapter 8 “The misery of the love of the poor”. The teenagers Jane and Dina were identified in face of their life stories, seeking to reveal the family experiences, the use of the body, sexuality, erotic love and the encounters and disagreements of the teenager from the “rabble”. This theme motivated us to seek a dialogue with Foucauldian contributions regarding self-care, would Jane and Dina be exercising self-care?

Keywords: Adolescence. Case Study. Take Care of Yourself.

1 Doutoranda em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - Uniara. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá. Especialista em Metodologia do Ensino pela mesma instituição. Pedagoga no Instituto Federal de São Paulo - IFSP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1640-0266>. E-mail: sol47monteiro@gmail.com

Introdução

Este estudo pretende lançar indagações sobre a adolescência como um fenômeno que perpassa todos os indivíduos em algum momento de sua existência. Estuda-se o caso de Jane e Dina duas adolescentes vistas como “ralé brasileira” e busca-se ainda compreender diante do cuidado de si foucaultiano as vivências dessas garotas. Nesse sentido, o livro “Ralé Brasileira: quem é e como vive” é uma obra de Jessé Souza e colaboradores publicado pela editora Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, no ano de 2009. O livro é organizado em duas partes: a parte 1 (um) se configura em “O mito brasileiro e o encobrimento da desigualdade” esta se divide em 5 (cinco) capítulos; e a parte 2 (dois) denominada “O Brasil além do mito: novo olhar e novos conflitos” com (10) dez capítulos.

Para esse estudo, elege-se o capítulo 8 (oito), intitulado “A miséria do amor dos pobres” (SILVA; TORRES; BERG, 2009), pois a escolha do capítulo vai ao encontro de um tema instigante no tocante ao amor na adolescência e vislumbra a sexualidade no processo de adolecer. Além disso, esta temática motivou-se buscar um diálogo com as contribuições foucaultianas no que se refere ao cuidado de si, para assim, interpretar os dizeres de Jane e Dina. As adolescentes referidas, Jane e Dina, possuem nomes fictícios utilizado pelos autores do capítulo e são entrevistadas durante uma intervenção social, com intuito de compreender a história de vida dessas garotas e como estas se tornaram “incapazes” de atrair a “face carinhosa dos homens”, ao passo que possuem uma identidade individual hiperssexualizada que as escraviza em um jogo de sedução que nunca deixam de ser objetos.

Além disso, a exclusão social das meninas da “ralé” de quase todas as esferas de reconhecimento, torna o sexo como “valor de troca” e muito desvalorizado para atrair o afeto dos homens. Entende-se que, o brasileiro da “ralé” é aquele despossuído de todos os pré-requisitos para a generosidade do amor e, portanto, o capítulo busca compreender as condições sociais implícitas no modo de vida e de amar das adolescentes da “ralé”. Isto é, o autor do livro esclarece: “essa classe social que designamos neste livro de “ralé” estrutural, não para “ofender” essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político[...]” (SOUZA, 2009, p.21).

Uma das adolescentes, a Jane tem 16 anos de idade mora com o avô materno, visto que é órfã de mãe e o pai é alcoólatra. Sua mãe era muito religiosa, o que desenvolveu em Jane uma fonte moral e uma firmeza. A figura do pai sempre ausente acarretou em uma carência afetiva que busca ser suprida em suas relações amorosas. Jane é baixa e magra, não possui os atributos de um corpo idealizado com curvas exuberantes. Quanto a outra adolescente, Dina tem 16 anos de idade e mora com toda a família, no total são 16 (dezesesseis) pessoas, entre eles avó, tios, primos, mãe, pai e irmão em 06 (seis) cômodos. A mãe é alcoólatra e o pai é mencionado como um encargo numérico diante de todos os moradores de sua casa. Quando a mãe fica bêbada, o pai fica pelos cantos chorando e lamentando, Dina já presenciou o pai apanhando de sua mãe. Em relação ao corpo, Dina é considerada “meramente gostosa” por ser dona de um corpo que chama atenção por onde passa.

A critério de compreensão, nesse momento, passamos a indagar os eixos norteadores desse estudo: O que é adolescência? O que é a puberdade? Quais os aspectos históricos desse estágio da vida? O que é sexualidade? Dessa forma, apresenta-se ao leitor um estudo que abrange o processo de adolecer e as ramificações da sexualidade do adolescente pensando nas duas garotas (Jane e Dina) como instrumento para clarificar o drama do amor adolescente na “ralé” brasileira. Sendo assim, adolescência se caracteriza entre a idade de 10 a 19 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (*World Health Organization*, 2016). Nessa fase o desenvolvimento provoca mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Na definição do termo, segundo o dicionário etimológico, a palavra adolescente origina-se do latim *adolescere*, ad = “para” e *olescere* = “crescer” que significa literalmente “crescer para” (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010.). E o processo de “adolecer”, nada mais é que o abandono de um corpo de criança que ainda não alcançou maturidade física suficiente para tornar-se adulto. Esse processo é também chamado de puberdade que se refere ao crescimento físico, mudança corporal e hormonal. Segundo Lourenço e Queiroz (2010), a puberdade é transitar

da infância para a vida adulta, se caracteriza como um fenômeno universal comum a todos os sujeitos. A puberdade não é sinônimo de adolescência, mas uma parte dela.

Neste estágio o adolescente sofre uma grande inquietação em relação ao seu corpo, bem como com as mudanças ocorridas em cada gênero, por exemplo, os meninos preocupam-se com a altura, as modificações ocorridas na voz e crescimento dos pelos, já as meninas preocupam-se com a desenvoltura do corpo feminino, como a cintura fina, crescimento dos seios, e outras mudanças, conforme Almeida, Rodrigues e Simões (2007). As autoras ainda apontam que a sociedade atual atribui a beleza um padrão idealizado, almeja-se alcançar o corpo perfeito. Consequentemente, os jovens inseridos nesse meio tendem a buscar o ideal de beleza, prestando culto ao corpo como critério para atingir o que a sociedade e a mídia impõem, podendo esse padrão trazer riscos ao jovem, já que a ideal aponta a menina/mulher magra e o menino/homem musculoso.

Os estágios psicossociais desenvolvidos por Erik Erikson, um teórico do desenvolvimento humano e psicanalista, busca compreender a orientação do sujeito em relação a si mesmo e aos outros, envolvendo aspectos sociais e sexuais do desenvolvimento pessoal, em que o estágio identidade x confusão de identidade, se caracteriza como o período que o adolescente vivencia a busca por sua identidade, resultando em questionamentos que se baseiam em: “Sou diferente dos meus pais?”; “O que eu sou?”; “O que eu quero ser?” Na busca por estas respostas o adolescente procura se encaixar em grupos sociais que mais traduzem seus sentimentos/pensamentos, segundo Miranda (2012). Então, nessa fase, as metas de futuro, a orientação sexual, a escolha do parceiro e outros conflitos surgem com grandes sentimentos de angústia e desespero, pois agora essa criança/jovem sente a necessidade de buscar novos caminhos por si mesmo, e portanto, nesse momento há uma grande confusão de identidade, já que o outro é o sinalizador de suas atitudes aceitas/não aceitas, a opinião do outro modela o que esse adolescente irá se afeiçoar, seja pelo seu estilo de andar, falar, vestir e se comportar (MIRANDA, 2012).

Além disso, diante de uma perspectiva histórica, nota-se que a adolescência nem sempre foi encarada como uma fase do ciclo do desenvolvimento humano. Ou seja, na Grécia Antiga os adolescentes eram vistos como impulsivos e por isso, a sociedade/seus pais adestravam para obterem virtudes cívicas e militares, sendo que o homem era preparado para a guerra ou política, a mulher era predestinada a maternidade, conforme Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves, (2010). Segundo os autores, na Idade Média, crianças e adolescentes eram considerados adultos em miniatura e com isso, aprendiam o ofício, crenças e valores que seriam solicitados ao se tornarem adultos. E na Idade Moderna, o Estado passou a intervir no espaço social, influenciando na forma de agir da família, da comunidade, dos grupos religiosos e educacionais (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). Nesse período marcado pela mercantilização, era necessário prepara-se para a vida, estudar e/ou procurar um casamento, aponta Ariès (1978).

No início da Contemporaneidade, as crianças e adolescentes eram vistas como mão-de-obra barata e a escola era o local para corrigir o caráter. À medida que o Estado percebeu a importância de proteger a adolescência como parte do desenvolvimento humano, leis foram criadas na busca de valorizar esse adolescente, de acordo com Silveira (2014). Então, conforme a autora, em 1927, foi aprovado o 1º Código de Menores a partir do Decreto nº 17.943, esta lei instituiu “doutrina do direito penal do menor”, cujo foco foi a incidência de infrações consideradas crime cometidos por crianças e adolescentes (SILVEIRA, 2014). E em 1976, foi criada a Fundação do Bem-estar do Menor (FEBEM) em 2006 e reestabelecida como Fundação Casa, especificamente como Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (SILVEIRA, 2014).

Pouco tempo depois, em 1990 é estabelecido o Estatuto da Criança e do Adolescente em que confere direitos específicos para assegurar o desenvolvimento, o crescimento, e o cumprimento das potencialidades da criança e do adolescente, para que estes tornem-se cidadãos adultos livres e dignos”, e assegura a adolescência entre 12 aos 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Dessa forma, verifica-se que a sexualidade do adolescente vem sofrendo grandes mudanças muito distinta dos séculos passados. Uma vez que hoje o adolescente inicia a vida sexual mais cedo, entretanto vejamos que no século XIX, uma moça de 19 anos ou até menos já era casada (REBOLHO, 2013). Ou seja, pode-se dizer que a diferença está em como a vida sexual deixou de ser somente no matrimônio e a virgindade não é valorizada como antigamente. Além de que atualmente a sexualidade é cada dia mais questionada e falada entre os jovens, de forma sutil ou escancarada na mídia, pois notamos

que a erotização é revelada mediante aos filmes, novelas e/ou propagandas, conforme Rebolho (2013).

A sexualidade por sua vez é entendida como um conjunto de sentimentos, percepções e atitudes relacionadas à vida sexual e afetiva, é a expressão de valores, emoções, afeto, gênero e práticas sexuais (REBOLHO, 2013). Porém, Foucault (1984) revela a origem, a história, o início da sexualidade humana e desconstrói toda visão enraizada e preconceituosa envolta da moral repressiva. De modo que em seu livro “História da Sexualidade II: A vontade de saber” afirma que sexo é para ser discutido sem restrições do lícito ou ilícito, sem abordar um discurso de condenar ou tolerar, mas gerir, inserir, regular para o bem de todos, em que o sexo não é para ser julgado, sim administrado (FOUCAULT, 1984).

Contudo, a sexualidade sofre a imposição do silêncio, é tratada como inexistente, um assunto reprimido e, portanto, não haveria nada a dizer, mediante aos mecanismos de “interdição, inexistência e mutismo”, aponta Foucault (1984). Isso porque, de acordo com Louro (2009), a sexualidade não assumiu uma forma natural ou espontânea, mas que ao invés disso todas as formas de se ver a sexualidade são exortadas ao longo da vida, através do meio social e aprendemos a viver como homem ou mulher pela nossa cultura, sofrendo influências das matrizes de sentido, tais como a família, a educação, a mídia, a igreja, a ciência e as leis.

Nesse sentido, no presente estudo, busca-se empregar as concepções de Michel Foucault, um filósofo francês que desenvolveu ideias em 3 momentos: 1) Discursos e Saberes, a arqueologia do saber (Ser-Saber); 2) Práticas e Poderes, a genealogia da ação (Ser- Poder); 3) Sujeito-si, ética da existência (ser-consigo), em que faremos uso do terceiro momento, as técnicas e o cuidado de si (Foucault, 2005). Desse modo, buscamos compreender o processo de adolecer das garotas Jane e Dina, bem como as nuances da sexualidade que transitam nessa fase, por intermédio das histórias de vida de cada uma, como proposto pelos autores no capítulo “A miséria do amor dos pobres” (SILVA; TORRES; BERG, 2009), por fim almejamos contribuir com o uso dos escritos teóricos acerca do cuidado de si em Foucault.

Objetivo

Busca-se compreender o cuidado de si na adolescência, apresentado pelo livro “Ralé Brasileira: quem é e como vive” de Jessé Souza. Na trama, o autor reconta a vida cotidiana e o drama existencial de famílias consideradas pelas tipologias sociais como “ralé brasileira”, tipologia essa estabelecida como uma classe social invisível, isto é desclassificada enquanto classe social. Portanto, indivíduos pertencentes a esta “não classe” são destinados a conviverem com o estigma social denominado “conjuntos de indivíduos” classificados como carentes ou perigosos.

Método

Para embasar o referencial metodológico, utiliza-se para elaboração desta análise, a história de vida das garotas Jane e Dina expressadas no capítulo “A miséria do amor dos pobres” (SILVA; TORRES; BERG, 2009). Compreende-se tratar-se de um Estudo de Caso que busca uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real (FREITAS; JABBOUR, 2011). Para tanto, nosso referencial teórico está embasado nas concepções de Foucault sobre as técnicas e o próprio autocuidado, tratando do viver, a estética da existência, pois ao cuidar de si é proporcionamos o autoconhecimento e da própria relação com os demais, sendo a melhor forma de viver desenvolvida em múltiplas realidades, tais como: a forma de viver do corpo, da família, com os outros e os próprios valores (FOUCAULT, 2005).

Resultados

História de Vida: Adolescente Jane

Jane é uma garota de 16 anos, mora com o avô materno por ser órfã de mãe e o pai alcoólatra. A mãe de Jane trabalhava como doméstica e morreu aos 39 anos acometida por uma doença. Sua

avó materna faleceu 1 (um) ano após sua mãe, e, portanto, ela ficou morando com o avô e sua irmã. Seu avô de 86 anos era “negociante”, trocava objetos, móveis e equipamentos, tudo ele trocava, comprava, vendia como uma forma de completar sua aposentadoria. Jane lembra de seu avô como um homem rude de “coração duro” que sempre agredia sua avó, e ela nunca soube o motivo. Com a perda da virilidade e a perda de força física ressuscitaram nele um “aconchego paternal” que Jane nunca teve com seu pai. Seu pai sempre fora muito ausente, as únicas demonstrações de afeto que Jane lembra é de seu pai embriagado, momento em que afagava-lhe os cabelos e dizia-lhe: “filha, te amo”, com um tom de confissão que só “o álcool poderia arrancar de um homem enrijecido pela dureza da vida” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 150). A mãe, quando viva buscava resgatar o marido, com encontros e grupos de oração da igreja, fora muitas vezes procurar o marido em bares e sempre mantinha viva a esperança que um dia ele mudaria.

Em relação a sua sexualidade, Jane perdeu a virgindade aos 13 anos, como “prova de amor”, arrependida, o sentimento de culpa a invadiu, momento em que procurou a irmã mais velha e experiente para desabafar e seguir seus conselhos. Jane só fez sexo com 1 (um) dos 3 (três) namorados que teve. Os meninos eram sempre da sua idade ou um pouco mais velho que ela. Depois de 3 meses de namoro ela aceitava transar, sempre atenta e observadora a “firmeza” que a mãe a transmitiu, não deixava ela “cair em qualquer historinha”. O “jogo duro” do sexo era para testar o quanto o garoto conseguiria ser atencioso sem a experiência da cama. Jane sabia que essa troca era desvantajosa, mas preferia não entrar em contato com a ideia de que o valor do seu corpo e dos prazeres era para prender os homens a ela. Ela buscava convencer o namorado que valia a pena namorar mesmo sem o ato sexual, mesmo sem efetivamente consumir a objetificação do outro.

No contexto em que vive Jane, quase ninguém consegue evitar a antecipação da ameaça de aniquilamento do corpo (o que todos, uma época da vida, haverão de enfrentar), principalmente as meninas reduzidas a um corpo hipersexualizado e de curta duração, marcado para morrer na primeira gravidez, com seus efeitos deformadores sobre a “gostosura”. Em qualquer momento arbitrário, o sexo pode se transformar numa gestação que quase sempre transforma meninas “gostasas” e cobiçadas em jovens mães descartadas por seus maridos e candidatas ao abuso de todos os homens (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 157).

Jane luta pela “face carinhosa dos homens”, de ser olhada e de ter a presença desejada como alguém que não é um objeto sexual. Ela diz: “– Se ele for carinhoso, você fica mais tempo, senão já parte dali pra outro” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 158), diz sem ter experiência de como é um homem desse tipo e onde encontrá-lo.

História de Vida: Adolescente Dina

Dina, é uma garota de 16 anos de idade, mora com toda a família, no total 16 (dezesseis) pessoas, em 6 (seis) cômodos de uma condição material degradante, a mãe é alcoólatra e o pai diante dessa situação não consegue reagir, vive chorando e se lamentando da vida. Todo final de semana tem uma festa em sua casa, aniversário, feriado, jogos do flamengo, tudo vira motivo de festa. Mas essa “alegria” da família era o pesadelo de Dina, pois sabia que sua mãe se embebedaria outra vez e acabaria com a festa de todo mundo, e além disso, arrumaria um motivo para descontar sua ira em Dina e nos seus irmãos.

Dina não tem discernimento para fazer uso do seu único bem: seu corpo. Usa para atrair o reconhecimento dos homens, e nesse caso, para atrair seu namorado, vendo-o como a fonte de sua autoestima, mas quase sempre frustrada. É considerada “meramente gostosa”, e, portanto, ela diz: “– Se você não fizer direito ou do jeito que eles querem [...] vem outra e faz” (SILVA; TORRES;

BERG, 2009, p. 165). Dina é alvo de sexo sem afeto. Desde o 3º ano do Ensino Fundamental dava trabalho na escola, tinha uma professora que sempre enviava bilhetes para sua mãe, sobre seu mau comportamento. Dina muito esperta, pedia que uma de suas primas assinasse o papel, mas o final do ano letivo ela foi reprovada. Como consequência, pela primeira vez sua mãe foi à escola, com intenção de brigar, “por que ela teria sido reprovada?” A professora contou todas as atitudes de Dina em sala de aula, esta aconselhou a mãe que não batesse na menina, pois isso poderia piorar ainda mais o problema.

A mãe, nesse dia, chegou mais tarde que de costume e, completamente bêbada e descontrolada, espancou a filha o quanto aguentou, gritando: “se chorar apanha mais!” Quando se deitou, Dina apertou o travesseiro contra seu pequeno rosto para que o choro não saísse, com medo de que a mãe ouvisse e voltasse. As marcas dessa surra ela traz no corpo, mas não em forma de cicatrizes visíveis a um olhar destreinado, e sim entranhadas em cada músculo enrijecido muito cedo e na pele, insensível aos toques mais suaves (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 153).

Aos 13 anos, ela diz ter se apaixonado “de verdade”, agora seu corpo ganhou novas curvas, tinha coxa, bumbum, cintura fina, o que qualquer adolescente almeja. Aprendeu a cuidar de sua aparência e era desejada por todos os garotos mais velhos. Perdeu sua virgindade aos 13 anos, dentro de um carro velho, ela nem queria, mas foi como “prova de amor” para um namorado que estava insistindo, um rapaz de 22 anos de idade que tinha outra namorada. Ele a deixou um pouco antes de sua casa, em uma rua deserta, eles não podiam ser vistos juntos. “Dina queria chorar, sentia um “aperto no peito”, misto de culpa e medo; “ela foi fácil demais” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 153). Diferente de Jane ela não tinha como ficar em seu quarto e esperar que fosse receber consolo, sempre dormiu com seus irmãos e primos na sala, a sua mãe provavelmente lhe daria uma surra condenando-a como uma vagabunda, “Ela nem ao menos pôde chorar! Seu corpo parecia solto, mas permanecia encarcerado na impossibilidade de confissão das fraquezas” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 153).

Dina, conta para os entrevistadores que agora está apaixonada por alguém disposto a assumi-la. Aos 2 (dois) meses de namoro descobriu que o namorado era viciado em crack. Ele declarou: “Quando te vi no baile tive certeza de que tu era a mina que eu tava esperando” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 155). Ela não havia percebido, mas seguia a mesma trilha da sua mãe, pois aprendeu a ser “dura”, mas nunca “firme”. Durante as entrevistas Dina descobre que está grávida, aos 16 anos de idade, tendo sua juventude “roubada”.

O Baile Funk: prazeres e desprazeres

Jane e Dina sentem no baile funk o momento de êxtase, aguardam ansiosamente para o final de semana, a rotina diária está de acordo com a espera desse grande momento “— dá um frio na barriga... dá uma adrenalina no coração” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 148). Dina se espelha na fala da música de funk do Mc Koringa: “Segunda, terça e quarta-feira aumenta o som, arrasta a mesa, cadeira e sofá. Que bom chegou a quinta-feira! Véspera de sexta-feira pra gente zua...” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 148). Na chegada do grande dia, a “galera” se reúne e a adrenalina anuncia o prazer de se “perder” na multidão.

A profunda tristeza que as toma quando as “luzes se acendem” é por intuírem que, ao final do “espetáculo”, o “palco de suas vidas” permanece sempre vazio. E assim elas voltam para suas

casas, para suas vidas privadas de qualquer reconhecimento além daquela recompensa fugidia pela exposição do corpo instrumentalizado, para a espera permanente e cíclica do momento em que as luzes voltem a se apagar, e elas poderão, mais uma vez, e apenas por algumas horas, se perder (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 148).

Discussão

Estamos diante de duas adolescentes que no âmago de sua existência trazem consigo marcas, produtos de um sistema, de um contexto que poderíamos indagar: escolheram ou foram escolhidas? A liberdade de escolha é confusa, escolheu porque não tinha outras opções ou o produto da escolha já estava pré-determinado? A ilusão de achar que teve liberdade de escolha culpabiliza ainda mais o sujeito. Todas essas consequências trazem prejuízos e encontramos um sujeito adoecido e estagnado frente a uma série de questionamentos e malfeitos. Em 1970, Salvador Minuchin um terapeuta de família, postula a teoria familiar estrutural que nos remete a compreender sobre o drama da repetição familiar:

A estrutura familiar é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transicionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema (MINUCHIN, 1990, p. 57).

Compreende-se que os indivíduos, pelo próprio desenvolvimento da família nas últimas décadas, têm capacidade de viver suas experiências de maneira diferente de seus antepassados. No entanto, a força da matriz familiar está presente na força da memória, ou seja, por muitas vezes esses indivíduos não conseguem viver outras realidades além daquilo que lhe é proposto, a exemplo, a história de vida da mãe, avó e demais familiares de Jane e Dina qual seria o destino dessas garotas? Por esta razão, fica claro a busca e a espera de um príncipe encantado, alguém para resgatarem de suas vidas monótonas e vazias de afeto. O desejo que “o outro se prolongue como essa fonte de aconchego em que podemos abandonar nossas “máscaras” de força e mostrar nossas fraquezas sem suscitar rejeição [...]” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 168). Essa realidade é apresentada pelos autores do capítulo no trecho a seguir:

O drama de Dina a faz delirar no romantismo, justamente porque a possibilidade de seu “príncipe encantado” chegar escapa ao “campo dos possíveis” que ela herda das mulheres de sua classe, onde não há ninguém “de carne e osso” que testemunhe a chegada desse príncipe. Jane vive o mesmo drama, só que de fato ela é mais realista do que Dina (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 159)

O “amor romântico” se constitui, como insaciável, uma busca contínua “[...] hoje se vive com base em concepções do amor romântico que fazem uma mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços, paradas e recuos no campo das relações humanas” (OLTRAMARI, 2009, p. 670). E a busca do par ideal, à espera do príncipe/princesa, amor à primeira vista, amor eterno, homem e mulher ideal apregoam uma ilusão de felicidade. “O amor romântico está ligado diretamente ao desejo do amor perfeito, por isso esta visão pode levar o indivíduo tanto ao ápice da realização como a maior frustração já vivida” (SOUZA, 2007, p. 11). Mas afinal, o que seria o amor? “[...] trata

de um fenômeno vivido de modo diverso e subjetivo pelos seres humanos. [...] O amor é vida, alegria, é o princípio da ação, símbolo do desejo, enfim, é a libido” (BRUNS, 2019, s. p.).

O amor ideal é resultante de uma experiência emocional contra o sentimento de solidão em que seus pares experimentam a reciprocidade e igualdade, de acordo com Souza (2007). Segunda a autora, essa visão de amor está esquecida na atualidade, pois a cultura do “eu” tornou-se valiosa, explorar a si mesmo na busca de autoconhecimento é uma cultura que outrora era censurável com a ideia de que o “outro” era mais importante do que “eu”. E entende-se que as frustrações amorosas estão imunizando o sujeito do “amor romântico”, posto que a espera de encontrar o par perfeito não acontece e este começa a apreciar o próprio “eu”, afirmando não precisar do “outro”, o que fortalece ainda mais o egocentrismo e a dificuldade para se relacionar (SOUZA, 2007). Desse modo, podemos dizer que a sociedade moderna se fragmenta em desejo de independência afetiva e desejo de amor ideal, aponta Souza (2007). Esse drama do “amor romântico” de Dina é notado no trecho a seguir:

O sonho irrealista de Dina sobre o amor romântico mostra que quanto mais distante estamos de realizar os nossos desejos, em todas as dimensões da vida, mais tendemos a delirar sobre a possibilidade de realizá-los (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 159).

A sexualidade neste contexto é resumida ao sexo, a busca pelo prazer remete a uma procura incansável de afeto que estas garotas encontram mediante ao uso do seu corpo. Por definição, entendemos que a sexualidade é uma experiência histórica, singular e construída. A sexualidade inclui a preocupação moral e o cuidado ético e articula as técnicas e as práticas em relação a si. E o corpo? Notamos em Jane e Dina o corpo como uma fonte de atração masculina. A objetificação do corpo como desejado e desvalorizado como um mero corpo. Segundo Schmitz e Lima (2016) esta objetificação do corpo feminino é percebida pela depreciação corporal, sexual, intelectual e laboral da mulher, exibido em propagandas como o ideal feminino e como produto de consumo masculino, enfatizando a ideia de mulher de sexo frágil, de objeto desejado e de contemplação masculina.

Durante a objetificação do corpo, o corpo é o “sucesso ou o fracasso de alguém, sendo mensurado e formatado a todo instante em padrões e referenciais unívocos que devem ser almejados e desejados por todos. A medicina, a moda e o mercado se apossam do corpo e o constroem como produto” (SANTOS; MOMESSO; RIBEIRO, 2014, p. 49). Notamos essa realidade em Dina, a qual busca mediante a objetificação do corpo como fonte para atrair a atenção masculina.

[...] Reduzida ao corpo hipersexualizado, Dina não é nada na dimensão propriamente “afetiva” das relações eróticas. Não possui aquela beleza simbolicamente diferenciada da beleza puramente “carnal” que é a “gostosura”. No campo das relações eróticas, a mera “gostosura” é a “arma dos fracós” por excelência (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 160).

A história do corpo, em uma dimensão biocultural, é marcada por rupturas, considerações e cismas de cada povo e desenvolvida mediante as matrizes de sentido, seja ela, a família, a escola, a justiça, o Estado, a igreja, a política, a fim de instaurar as relações de poder para controlar os corpos, buscando orientar, controlar, disciplinar a um ideal de homem/mulher de modo a limitar o sujeito a determinados desejos e escolhas, do que é estabelecido por aquela sociedade como verdade (SANTOS; MOMESSO; RIBEIRO, 2014).

Como descrito por Foucault (1982 apud CIRINO, 2007, p. 79) “O corpo não é, portanto, fixo ou constante, como quer a perspectiva naturalista, mas pode ser modificado, aperfeiçoado, e suas necessidades produzidas e organizadas de diferentes maneiras”. Dessa forma, Foucault defende que enquanto sujeitos de ação é preciso investir no cuidado com o corpo físico, não só com a alma,

como práticas de si indispensáveis ao sujeito. Estas práticas de si se constituem em preocupações com si próprio, a exemplo:

“O medo do excesso, a economia do regime, a escuta dos distúrbios, a atenção detalhada ao funcionamento, a consideração de todos os elementos (estação, clima, alimentação, modo de vida) que podem perturbar o corpo e, através dele, a alma” (FOUCAULT, 1985, p.62 apud BOLSONI, 2012, p. 10).

Os modos de subjetivação do sujeito são estabelecidos mediante as práticas de si e assim, o indivíduo se torna sujeito, que constitui a si mesmo. Essa subjetividade resulta do corpo, das relações estabelecidas no corpo de cada sujeito (BOLSONI, 2012). E o corpo é discursivamente construído e é sobre ele há “imposição de obrigações, limitações e proibições” (SANTOS; MOMESSO; RIBEIRO, 2014, p. 52). Notamos que Dina é considerada “meramente gostosa” e Jane “não é personificada como gostosa”, mas ambas utilizam dessa fonte para atrair a “face carinhosa dos homens”, em que esse corpo atraente pode a qualquer momento ser descartado por uma gestação e transforma-las de “meninas cobiçadas em jovens mães descartadas”, como observamos nas mães, avós e outras amigas de Jane e Dina “exibem em suas vidas sofridas por causa da desvalorização do corpo o “exemplo” do que essas duas meninas não podem deixar de imaginar como o *futuro possível* de suas próprias vidas” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 157, grifos do autor).

Considerações Finais

As adolescentes Jane e Dina exibem uma realidade muito presente no cenário brasileiro, meninas em privação de afeto, sem cuidados com si mesmo, sem cuidado de um outro que as façam refletir diante de suas atitudes, mas como? É uma realidade vivida pelas mães, avós e amigas mais íntimas, o que elas conseguiriam transmitir sobre esse cuidado? Vemos em nossa sociedade, que a liberdade de tratar de assuntos referentes a sexualidade, a emancipação feminina, o sexo considerado um ato de prazer, o gozo e orgasmo, a indústria pornográfica e tantas outras mudanças ocorridas nos conduziram a independência de escolher as relações afetivo-sexuais e com isso, o *ethos* do amor romântico busca o par ideal, o príncipe/princesa, amor à primeira vista e amor eterno, apregoam uma ilusão de felicidade. Todas essas variações semeiam a cultura da imediaticidade e a “liquidez das relações” (BAUMAN, 1925).

O hiperconsumismo, o *self-service* das emoções e prazer, a superficialidade dos vínculos, os constantes vazios da modernidade, angústia, depressão, suicídio, desespero de explicações concretas da realidade, perdas e ganhos, cuidados excessivos com o corpo, preocupações com os padrões de beleza, erotização da criança, exploração sexual precoce, abusos e violências físicas, psicológicas, morais e sexuais e tantos outros perigos da modernidade acometem o sujeito e este encontra-se vagando diante dessas verdades. Não obstante, vivemos maior liberdade e menor repressão sexual, busca-se a expressão do desejo, a igualdade dos gêneros nos cuidados domésticos, a liberdade para experiências sexuais antes do casamento, a diversidade sexual, cultural e religiosa, a preocupação com a educação sexual, o rompimento de paradigmas e preconceitos, bem como os avanços tecnológicos e científicos.

Essa liberdade sexual nos remete ao pensamento foucaultiano, poderíamos dizer que de certa forma temos criado espaços para discutir a sexualidade e minimizar crenças envoltas da moral repressiva. No entanto, as práticas de si, não somente na “ralé”, o corpo é desvalorizado e muito comercializado e por isso, a constante necessidade de refletir sobre si mesmo. Este estudo não buscou esgotar as possibilidades interpretativas do caso, mas sim permitir novas possibilidades acerca de um estudo social bem exposto no livro. Portanto, apontam-se novos olhares para compreender a subjetividade humana em toda sua complexidade, contraste e tonalidade.

Referências

- Adolescent health. **World Health Organization**, 2016. Disponível em: <http://www.who.int/health-topics/adolescents/coming-of-age-adolescent-health>. Acesso em: 05 jun. 2022.
- ALMEIDA, I. S.; RODRIGUES, B. M. R. D.; SIMÕES, S. M. F. O adolescer... um vir a ser. **Adolescência e Saúde**, v. 4, n. 3, p.24-28, jul./set. 2007.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1925.
- BOLSONI, B. V. O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. *In*: ANPED SUL, 9., 2012. **Anais...** Caxias do Sul, 2012. p. 1-16.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.
- BRUNS, M. A. T. Eros é o Deus do amor. **Sexualidade vida**, 2019. Disponível em: http://www.sexualidadevida.com.br/Eros_e_o_Deus_do_Amor.html. Acesso em: 05 jun. 2022.
- CIRINO, O. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**, v. 5, n. 8, p. 77-89, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, p. 7-22, 2011.
- LOURENÇO, B.; QUEIROZ, B. L. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Rev. Med.** v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010.
- LOURO, G. L. Pensar a sexualidade na contemporaneidade. *In*: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009.
- MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MIRANDA, A. B. S. O desenvolvimento humano na perspectiva de Erick Erikson. **Psicologado**, 2012. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-desenvolvimento-humano-na-perspectiva-de-erick-erikson>. Acesso em: 05 jun. 2022.
- OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão da literatura. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- REBOLHO, A. C. F. **Se essa rua fosse minha**: professores e gestores discutem a exploração sexual de menores nas escolas? Curitiba: CRV, 2013.
- SANTOS, F.; MOMESSO, M. R.; RIBEIRO, P. R. M. Gestos de subjetivação: as dificuldades para realizar uma história do corpo sexualidade. **EXEDRA**, v. 1, p. 47-63, 2014.
- SCHMITZ, G. A. P. D.; LIMA, N. D. P. A objetificação da mulher e sua relação com a discriminação de gênero. *In*: CONPEDI. Direitos e garantias fundamentais, 4., 2016. **Anais...** Curitiba, 2016, p. 233-249.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.
- SILVA, E.; TORRES, R.; BERG, T. A miséria do amor dos pobres. *In*: SOUZA, J. **Ralé Brasileira: Quem é**

e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SILVEIRA, M. Os caminhos da infância. **Jus**, 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/28271/os-caminhos-da-infancia>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SOUZA, J. **Ralé Brasileira**: Quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, T. B. **Amor Romântico**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário. Brasília, p. 35, 2007.

Recebido em 29 de junho de 2022.
Aceito em 28 de novembro de 2022.